

# Lenin e o partido bolchevique: uma coletividade revolucionária

Paul Le Blanc<sup>1</sup>

Pedro Gava<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo busca apresentar uma síntese de alguns dos traços fundamentais do pensamento de Lenin, inserindo-o no quadro mais geral do bolchevismo. O texto aborda algumas das mais importantes dimensões do seu pensamento político e organizacional, sobretudo os temas da democracia e do partido revolucionário. Também são apresentadas outras figuras que integraram a corrente bolchevique, contribuindo para formar uma “coletividade revolucionária” essencial para a intervenção de Lenin e para a revolução russa.

**Palavras-chave:** Lenin. Bolchevismo. Revolução russa.

**Abstract:** This article presents a synthesis of some of the fundamental features of Lenin’s thought, placing it within the more general framework of Bolshevism. The text addresses some of the most important dimensions of his political and organizational thought, especially the themes of democracy and the revolutionary party. It also presents other figures who were part of the Bolshevik current and who therefore contributed to forming a “revolutionary collective” that was essential for Lenin’s intervention and for the Russian revolution.

**Keywords:** Lenin. Bolshevism. Russian Revolution.

---

<sup>1</sup> Historiador e ativista americano. Professor de História na La Roche College em Pittsburgh, Pensilvânia, escreveu e/ou editou mais de 20 livros, principalmente lidando com os movimentos trabalhistas e socialistas, nos quais tem estado ativo. E-mail: paul.leblanc@laroche.edu

<sup>2</sup> Mestrando no programa de pós-graduação em sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH/Unicamp). Membro do grupo de pesquisa Intelectuais, cultura e política: passado e presente (IFCH/Unicamp), coordenado pelo professor Fabio Mascaro Querido. Licenciado e bacharel em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP). E-mail: p248707@dac.unicamp.br

A Revolução Russa de 1917 revela claramente as complexidades do bolchevismo, e do partido bolchevique de Lenin, como uma coletividade revolucionária. De fato, há uma convergência de complexidades relacionadas a vários fatores diferentes que eu gostaria de abordar nessas observações. Isso inclui estruturas partidárias, personalidades e perspectivas.

Um conjunto de complexidades envolve as concepções organizacionais que animaram o bolchevismo, envolvendo o centralismo democrático, uma interação entre democracia e coesão, assim como uma interação entre uma liderança centralizada e uma significativa autonomia local na base. Outro aspecto envolve os puxões e empurrões das diversas e vibrantes personalidades entre os bolcheviques – particularmente a nível de liderança. Indivíduos experientes e articulados influenciando poderosamente o pensamento e as ações de uma camada de centenas e milhares de militantes bolcheviques, que por sua vez influenciavam o pensamento e as ações de milhares e milhões de trabalhadores, marinheiros, soldados, camponeses, intelectuais e outros. Outro subconjunto de complexidades envolve ainda o emprego de uma ideologia relativamente complexa (o marxismo), que em si mesma está aberta a interpretações divergentes e que pode ser aplicada de maneiras diferentes e às vezes contraditórias a realidades políticas, sociais e econômicas que são *em si mesmas* complexas e estão em constante mudança. Há também uma complexidade na tensão contínua entre os líderes envolvidos no desenvolvimento e adaptação da *teoria* marxista, por um lado, e os organizadores práticos na base, por outro – e entre esses organizadores práticos podemos perceber tensões entre aqueles cujo foco principal é manter as estruturas organizacionais e a coesão do bolchevismo e aqueles cujo foco principal é influenciar e liderar lutas e movimentos de massa. Poderíamos continuar com isso – definindo outras complexidades dentro de cada uma das complexidades.

A questão é que não podemos entender realmente a revolução bolchevique de 1917 com conceitualizações convencionais, mas

simplistas, que focam em um Lenin heroico (ou gênio do mal) liderando uma entidade abstrata – “o Partido”, ou “o Partido e os Sovietes” – para tomar o poder político. Não há dúvida de que o papel de Lenin na história merece um estudo focado sobre quem ele foi, o que ele pensou, escreveu, falou e fez. Mas Lenin não pode ser entendido como a personificação do partido bolchevique. O que ele pensou, escreveu, disse e fez não pode ser compreendido se abstrairmos essas coisas, e o próprio homem, daqueles que eram seus camaradas. Se não conseguirmos entender o bolchevismo como uma coletividade revolucionária que era uma parte integrante de um movimento mais amplo da classe trabalhadora e como uma entidade viva, vibrante e complexa, não conseguiremos compreender a atualidade de Lenin ou da revolução russa.

Isso fica mais claro se considerarmos algumas das especificidades históricas. Vamos começar com “a Palavra” – a teoria e a análise marxistas tal como desenvolvidas pelos bolcheviques – antes de passarmos para a carne e o osso (as personalidades e a estrutura) do partido bolchevique.

A orientação teórica do marxismo baseava-se em uma metodologia dialética, materialista e humanista, que via a história como sendo moldada pelo desenvolvimento econômico e pela luta de classes. Via um capitalismo cada vez mais dominante como imensamente produtivo e dinamicamente criativo, mas também como compulsivamente expansivo e explorador, e como um sistema global violentamente destrutivo. No entanto, o capitalismo estava proletarizando cada vez mais pessoas na sociedade e em todo o mundo, criando uma classe trabalhadora cada vez maior de pessoas dependentes da venda da sua força de trabalho. Essas pessoas trabalhadoras teriam *potencialmente* a necessidade, a vontade, a consciência e o poder necessários para contestar efetivamente a opressão do capitalismo e substituí-lo pela democracia econômica humanista do socialismo<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Para um extenso mapeamento introdutório do marxismo, com uma amostra de escritos de figuras proeminentes associadas a ele, ver Paul Le Blanc (2016).

É claro que o marxismo é muito mais complexo do que isso, com mais de uma interpretação possível e mais de uma maneira de aplicar essa abordagem complexa e sofisticada às especificidades da Rússia do final do século XIX e início do século XX. Os marxistas na Rússia geralmente concordavam que a pequena, mas crescente classe trabalhadora do país era a esperança para o futuro, tanto contestando a autocracia czarista como ajudando a derrubá-la através do que eles chamavam de “revolução democrático-burguesa”. A maioria concordava que o desenvolvimento do capitalismo após essa revolução democrática criaria as condições para uma revolução socialista. Mas havia divergências sobre como esse cenário da classe trabalhadora se relacionaria com a maioria dos camponeses. Os marxistas da fração menchevique argumentavam que os camponeses eram muito atrasados para serem aliados confiáveis e que os parceiros evidentes para a derrubada do czarismo seriam os liberais pró-capitalistas. Os bolcheviques liderados por Lenin insistiam que o princípio de hegemonia da classe trabalhadora seria mais consistente com uma aliança entre trabalhadores e camponeses para uma revolução democrática. O porta-voz menchevique Raphael Abramovitch não foi o único a ridicularizar o fato de que isso significava “uma revolução burguesa sem a burguesia, contra a burguesia, por meio de uma ditadura do proletariado sobre a burguesia” – mas Lenin e seus camaradas defendiam uma revolução que culminaria no que eles denominavam “uma ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato” (ABRAMOVITCH, 1962, p. 214).

Devemos nos deter em uma ambiguidade na posição de Lenin, tal como articulada em 1905. Por um lado, ele estava inclinado a concordar que a revolução democrática deveria levar ao desenvolvimento econômico capitalista, a fim de estabelecer riqueza, produtividade e uma maioria da classe trabalhadora que tornaria o socialismo possível. Em sua polêmica *Dois táticas da social-democracia na revolução democrática*, ele argumentou que, como a revolução democrática era, de fato, uma “revolução democrático-burguesa”, ela “pela primeira vez, iria

realmente abrir caminho para um amplo e rápido (...) desenvolvimento do capitalismo” e “pela primeira vez, tornaria possível que a burguesia governasse como uma classe” (LENIN, 1962b, p. 48).

Por outro lado, Lenin parecia deixar em aberto a possibilidade de que alguma variante do cenário da “revolução permanente” de Trótski fosse possível – que (como Lenin colocou em seu artigo “A atitude da social-democracia diante do movimento camponês”) “da revolução democrática nós devemos, de uma vez e precisamente de acordo com a medida de nossa força e da força do proletariado organizado e com consciência de classe, começar a passar para a revolução socialista. Defendemos a revolução ininterrupta. Não devemos parar no meio do caminho” (LENIN, 1962a, p. 236-237)<sup>4</sup>.

Essa abertura para a possibilidade de a revolução democrática fluir para a revolução socialista se expandiu com a explosão da primeira guerra mundial. Como Lenin enfatizou diversas vezes, essa era uma guerra “travada ‘em nome dos lucros dos capitalistas’ e das ‘ambições das dinastias’ com base na política imperialista e predatória das grandes potências” e que deveria ser combatida com “as táticas da luta revolucionária dos trabalhadores em uma escala internacional contra seus governos, as táticas da revolução proletária. (...) Os socialistas devem (...) tirar proveito dos constrangimentos dos governos e da raiva das massas, causados pela guerra, para a revolução socialista” (LENIN, 2008, p. 227).

De acordo com sua companheira Nadezhda Krupskaya, durante a guerra Lenin “falou muito sobre as questões que ocupavam a sua mente, sobre o papel da democracia”, chegando a “uma visão muito clara e definida da relação entre a economia e a política na época da luta pelo socialismo”. Krupskaya elaborou:

---

<sup>4</sup> A teoria da revolução permanente de Trótski está resumida em Le Blanc (2016, p. 46-47, 94-96).

O papel da democracia na luta pelo socialismo não podia ser ignorado. “O socialismo é impossível sem democracia em dois aspectos”, escreveu Vladimir Ilyich... “1) o proletariado só pode realizar uma revolução socialista se tiver se preparado para ela por meio de uma luta pela democracia; 2) o socialismo vitorioso só pode manter sua vitória e levar a humanidade ao momento em que o Estado se definhará se a democracia estiver plenamente alcançada”.

Essas palavras de Lenin logo se confirmaram totalmente pelos acontecimentos na Rússia. A revolução de fevereiro [de 1917] e a subsequente luta pela democracia prepararam o caminho para a revolução de outubro. A constante ampliação e o fortalecimento dos soviets, do sistema soviético, tendem a reorganizar a própria democracia e a dar continuamente cada vez mais profundidade de significado a esse conceito. (KRUPSKAYA, 1970, p. 328).

Krupskaya continuou, citando longamente uma das polêmicas de Lenin nos tempos de guerra:

Devemos *combinar* a luta revolucionária contra o capitalismo com um programa e táticas revolucionárias em relação a *todas* as demandas democráticas, incluindo uma república, uma milícia, a eleição de funcionários do governo pelo povo, direitos iguais para as mulheres, autodeterminação das nações, etc. Enquanto o capitalismo existir, todas essas demandas apenas poderão ser realizadas como exceção, e de forma incompleta e distorcida. Baseando-nos na democracia tal como ela já foi alcançada e mostrando sua deficiência sob o capitalismo, exigimos a derrubada do capitalismo e a expropriação da burguesia como uma base essencial tanto para a abolição da pobreza das massas quanto para a implementação *completa e exaustiva* de todas as transformações democráticas. Algumas dessas transformações

serão iniciadas antes da derrubada da burguesia, outras *no decorrer* dessa derrubada e outras ainda após ela. A revolução social não é uma batalha única, mas uma época de uma série de batalhas sobre todo e qualquer problema de transformações econômicas e democráticas, cuja conclusão só será efetivada com a expropriação da burguesia. É em nome desse objetivo final que devemos formular *cada uma* de nossas demandas democráticas, de maneira consistentemente revolucionária. (KRUPSKAYA, 1970, p. 328-329).

Para resumir a orientação de Lenin, ele acreditava que o partido revolucionário deveria entrelaçar o socialismo com a consciência e as lutas da classe trabalhadora, deveria enfatizar a luta pela democracia plena como o caminho para o socialismo e deveria pressionar pela hegemonia e predomínio da classe trabalhadora na luta por uma revolução democrática – sem confiança nos liberais pró-capitalistas. Relacionada a isso estava a perspectiva bolchevique característica de uma aliança entre trabalhadores e camponeses na luta contra o czarismo. A orientação antiburguesa se intensificou ainda mais com a eclosão da primeira guerra mundial, uma vez que a oposição à guerra imperialista foi acompanhada pela intensificação do internacionalismo revolucionário e do impulso da luta de classes. A preocupação destacada de entrelaçar as lutas pela democracia e pelo socialismo e a convicção de que o conflito iria facilitar a difusão da revolução socialista em vários países fortaleceram a inclinação para considerar as possibilidades de uma “revolução ininterrupta” na Rússia.

Muito dessa orientação foi produto coletivo e propriedade dos bolcheviques conforme eles evoluíram de 1905 a 1917, compartilhada (às vezes com nuances significativas de diferença) entre vários camaradas. Seus contornos e especificidades são particularmente bem explicados por Nadezhda Krupskaya, em suas *Memórias de Lenin*.

A cristalização da perspectiva política bolchevique de uma aliança entre trabalhadores e camponeses para levar adiante a revolução

democrática foi coletiva, assim como a tradução dessa perspectiva para a ação social e política. Isso nos leva às estruturas organizacionais que possibilitaram isso. Krupskaya enfatizou que Lenin “sempre, enquanto viveu, atribuiu enorme importância aos congressos do partido. Ele considerava o congresso do partido a mais alta autoridade, onde todas as coisas pessoais deveriam ser deixadas de lado, onde nada deveria ser escondido e tudo deveria ser aberto e colocado em cima da mesa”.

O “Esboço de Regras do POSDR”, escrito por Lenin em 1903, estabelece o congresso, ou convenção, do partido como o “órgão supremo do partido”. Composto por representantes de todas as unidades do Partido Operário Social-Democrata Russo [POSDR], o congresso deveria se reunir “pelo menos uma vez a cada dois anos” e ser responsável por determinar as políticas e perspectivas do partido, assim como por nomear um comitê central e uma equipe editorial para o órgão central do partido (seu jornal). O comitê central “coordena e dirige todas as atividades práticas do partido”, enquanto a equipe editorial “fornece orientação ideológica”.

O esboço das regras sugere um equilíbrio entre democracia e centralização. Por exemplo: “Cada comitê (...) organização ou grupo reconhecido pelo partido é responsável por assuntos relacionados específica e exclusivamente à sua localidade, distrito ou movimento nacional em particular, ou à função especial que lhe foi atribuída, sendo obrigado, no entanto, a obedecer às decisões do Comitê Central...”. O mais importante, porém: “Todas as organizações e órgãos colegiados do partido decidem seus assuntos por maioria simples de votos...” (LE BLANC, 2015a, p. 48).

A perspectiva organizacional de Lenin poderia ser resumida da seguinte forma:

– Os membros são militantes que concordam com o programa marxista básico do partido, estão comprometidos com o desenvolvimento e a implementação coletivos do programa e controlam coletivamente a organização como um todo.

– O partido funciona aberta e democraticamente, com o princípio de eleição operando em todas as suas instâncias. Todas as questões são decididas com base no voto democrático e as decisões são cumpridas.

– O órgão de decisão mais elevado é o congresso do partido, composto por delegados eleitos democraticamente.

– Entre os congressos, um comitê central (eleito pelo congresso e responsável perante o mesmo) garante a coesão e coordena o trabalho com base no programa do partido e nas decisões do congresso.

– As unidades locais do partido operam dentro do programa do partido e das decisões do partido como um todo, mas, dentro desse quadro, operam sob o controle democrático dos membros locais.

É interessante considerar a concepção do partido bolchevique que o velho amigo de John Reed, Max Eastman, havia absorvido por meio de seus estudos na Rússia Soviética. Em seu livro de 1926, *Marx, Lenin e a ciência da revolução*, Eastman escreveu:

É uma organização de um tipo que nunca existiu antes. Ela combina certas características essenciais de um partido político, uma associação profissional, uma ordem consagrada, um exército, uma sociedade científica – e, no entanto, não é em nenhum sentido uma seita. Em vez de nutrir em seus membros uma psicologia sectária, ela nutre uma certa relação com as forças de classe predominantes da sociedade, como Marx as definiu. E essa relação foi determinada por Lenin e progressivamente reajustada por ele, com uma sutileza com a qual Marx jamais sonhou. (EASTMAN, 1926, p. 159-160).

De fato, havia diferentes personalidades e tipos de personalidade dando vida à organização bolchevique. É claro que quem foi central do início ao fim foi Lenin, que segundo a maioria dos relatos combinava em sua pessoa uma considerável cordialidade, humor, altruísmo, gosto

pela vida e flexibilidade tática entrelaçados com uma intransigência revolucionária.<sup>5</sup>

As mulheres eram uma minoria entre os bolcheviques na Rússia patriarcal. Entre as que desempenharam papéis centrais estavam Krupskaya e Alexandra Kollontai. Krupskaya, uma marxista formada e militante revolucionária dedicada, empregou seus consideráveis talentos e energias no trabalho prático de construir e manter as comunicações e o funcionamento organizacional dos bolcheviques. Isso a permitiu escrever suas respeitadas *Memórias de Lenin*, que analisam o desenvolvimento de Lenin dentro da coletividade revolucionária que era o bolchevismo. Desempenhando um papel mais público, Kollontai canalizou seu intelecto afiado e sua paixão para a teorização e organização em torno da assim chamada “questão da mulher” – lutando fortemente contra atitudes e padrões machistas dentro do movimento revolucionário. Suas contribuições deram frutos à medida que um número crescente de mulheres trabalhadoras se juntava ao movimento revolucionário. Esse foi um desenvolvimento essencial. O Dia Internacional das Mulheres em 1917 ajudou a desencadear o levante que derrubou o czar<sup>6</sup>.

Os dois cunhados, Leon Trótski e Lev Kamenev, eram incrivelmente diferentes em vários sentidos. Enquanto Kamenev era um orador, escritor, organizador e analista político razoável, em cada uma dessas áreas Trótski podia ser incandescente. Kamenev era extremamente sociável de uma forma que Trótski não podia ser, mas também era propenso a ser influenciado por outros – inclusive adversários políticos – de uma forma que Trótski também não podia ser. No entanto,

---

<sup>5</sup> Fontes excepcionais que apresentam uma gama de bolcheviques proeminentes podem ser encontradas em Anatoly Vasilievich Lunacharsky (1968) e em Georges Haupt e Jean-Jacques Marie (1974). Esforços que se concentram em apresentar Lenin em seu contexto real podem ser encontrados em Lars Lih (2011a), Paul Le Blanc (2014), especialmente p. 25-75, e Tariq Ali (2017).

<sup>6</sup> Sobre Krupskaya e Kollontai, além de Haupt e Marie (1974, p. 156-158 e 353-360), ver Robert H. McNeil (1973) e Cathy Porter (2014). Ver também Barbara Evans Clements (1997) e Jane McDermid e Anna Hillyar (1999).

Trótski (relativamente recém-chegado às fileiras bolcheviques) tinha a reputação de ser arrogante, e sua imensa popularidade e a demonstrada capacidade de trabalhar com pessoas eram compensadas por uma personalidade por vezes irritadiça. O charme de Kamenev muitas vezes podia ser um recurso valioso – e combinava com os gostos epicuristas que Trótski considerava repugnantes. A combinação de energia, brilhantismo e inclinações espartanas de Trótski lhe foi muito útil quando organizou a insurreição de outubro de 1917 e também quando assumiu o papel de organizador e comandante do exército vermelho durante a guerra civil russa<sup>7</sup>.

Gregory Zinoviev, frequentemente associado ao muito mais firme e consistente Kamenev, às vezes conseguia se igualar a Trótski em oratória e arrogância, mas, assim como Kamenev, foi um dos colaboradores mais próximos de Lenin durante muitos anos. Todos os três (Trótski, Kamenev, Zinoviev) – em vários momentos e sobre diferentes questões – também estiveram em conflito aberto com Lenin em meio à confusão da democracia interna dentro do bolchevismo. A amplitude intelectual e a sensibilidade de Zinoviev para a política revolucionária aparecem claramente em sua valiosa popularização da *História do partido bolchevique*. Suas habilidades organizacionais eram certamente maiores do que as de outra figura popular, o jovem e impetuoso Nikolai Bukharin. Bukharin era um teórico inovador que se mostrou mais de uma vez bastante disposto a desafiar Lenin pela esquerda. Tanto Zinoviev quanto Bukharin desempenhariam papéis importantes e influentes na Internacional Comunista que seria formada após a revolução russa. Mas também em 1917, embora de maneiras bem diferentes e de pontos de vista distintos, a influência desses dois bolcheviques proeminentes teve um impacto significativo<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Sobre Kamenev, além de Haupt e Marie (1974, p. 41-47 e 100-106), ver Leon Trotsky (1977, p. 164-173, 179, 180); sobre Trótski, ver Paul Le Blanc (2015b).

<sup>8</sup> Gregory Zinoviev (1973) continua sendo uma fonte valiosa sobre a história e a natureza do bolchevismo. Sobre Zinoviev, além de Haupt e Marie (1974, p. 95-106) e Lunacharsky (1968, p. 75-82), ver Lars T. Lih (2011b, p. 39-60). Sobre Bukharin, além de

Dois organizadores eminentemente práticos – não inclinados a se distrair com fogos de artifício teóricos – foram Alexander Shlyapnikov e Joseph Stálin. Operário bolchevique por excelência, com reputação de ação corajosa e baseada em princípios, o ponto forte de Shlyapnikov era a organização entre os operários de fábrica e nos sindicatos. Ex-estudante de teologia, inclinado a ser contundente e às vezes brutal, a especialidade de Stálin era ser um homem de organização dedicado a construir e manter as estruturas bolcheviques. As qualidades de Shlyapnikov o aproximaram do ímpeto revolucionário-democrático intensificado de Lenin, predominante de 1914 a 1917. Com a virada de Lenin para medidas mais autoritárias (temporárias como deveriam ser) em meio às terríveis dificuldades da guerra civil e do colapso social entre 1918 e 1921, as qualidades de Shlyapnikov colocaram os dois em conflito. Com a ajuda de Kollontai, ele formou a Oposição Operária. Outros bolcheviques também formaram grupos de oposição para defender os objetivos revolucionário-democráticos da revolução de outubro. As inclinações de Stálin, é claro, iam na direção oposta – a ponto de desenvolver um aparato burocrático-autoritário que acabaria por destruir a coletividade revolucionária que o bolchevismo havia sido. Esse processo se desenvolveu com uma velocidade crescente de meados da década de 1920 a meados da década de 1930<sup>9</sup>.

A causa foi o isolamento da revolução, voltada para si mesma em uma Rússia economicamente atrasada. Como Lenin explicou mais de uma vez, “estamos apostando na inevitabilidade da revolução mundial” e:

Estamos agora, por assim dizer, em uma fortaleza sitiada, esperando que os outros destacamentos da revolução socialista mundial venham em nosso apoio. Esses destacamentos *existem*, são *mais numerosos* que os nossos, estão amadurecendo, crescendo,

---

Haupt e Marie (1974, p. 31-40), ver Stephen F. Cohen (1975).

<sup>9</sup> Sobre Shlyapnikov, além de Haupt e Marie (1974, p. 212-221), ver Barbara C. Allen (2016). Sobre Stálin, além de Haupt e Marie (1974, p. 65-75), ver Robert C. Tucker (1974).

ganhando mais força quanto mais duram as brutalidades do imperialismo. (...) Lenta mas seguramente, os trabalhadores estão adotando táticas comunistas e bolcheviques e estão marchando na direção da revolução proletária, que é a única capaz de salvar a cultura agonizante e a humanidade agonizante. (LENIN, 2008a, p. 299-300)

Na esteira da Revolução Bolchevique, portanto, podemos ver a tentativa de internacionalizar o bolchevismo, com a criação de uma coletividade revolucionária global, ou uma rede centralizada de tais coletividades – a Internacional Comunista. Na época do II Congresso Mundial, em 1920, os delegados das organizações revolucionárias proclamaram: “A Internacional Comunista fez da causa da Rússia Soviética a sua própria causa. O proletariado internacional não abaixará sua espada até que a Rússia Soviética seja apenas um elo na federação mundial de repúblicas soviéticas”. O presidente da Comintern, Zinoviev, sugeriu de forma otimista que “provavelmente serão necessários dois ou três anos para que toda a Europa se torne uma república soviética”. De acordo com um relato retrospectivo de dois observadores participantes (Julian Gumperz e Karl Volk):

centenas de delegados vieram de todos os países do mundo: verdadeiros representantes dos trabalhadores eleitos e reeleitos centenas de vezes [para organizações de massa dos trabalhadores], revolucionários e oportunistas, trabalhadores das fábricas e advogados perspicazes, terroristas e socialistas elegantes dos salões da Europa. (YPSILON, 1947, p. 19)

Outra testemunha ocular, Alfred Rosmer, relataria:

Havia algo de inebriante na atmosfera de Moscou naquele mês de junho de 1920; o tremor da revolução armada ainda podia ser sentido. Entre os delegados que tinham vindo de todos os países

e de todas as tendências políticas, alguns já se conheciam, mas a maioria estava se reunindo pela primeira vez. As discussões foram acaloradas, pois não faltaram pontos de discordância, mas o que se sobrepôs a tudo foi um apego inabalável à revolução e ao recém-nascido movimento comunista. (ROSMER, 2016, p. 46)

Há muito na história desse movimento que tem a qualidade de uma ópera cômica, e também muito que constitui uma tragédia profunda e às vezes horrível, mas também – apesar de seu fracasso final – um heroísmo notável, com lições a serem aprendidas.

Aqueles que não apenas desejam entender o que aconteceu na história – mas também como um mundo (que precisa urgentemente de uma mudança para melhor) pode *de fato* ser transformado – precisarão lutar e aprender com a convergência de complexidades que se juntam no bolchevismo como uma coletividade revolucionária.

## Referências

ABRAMOVITCH, Raphael. *The Soviet Revolution 1917-1939*. New York: International Universities Press, 1962.

ALI, Tariq. *The Dilemmas of Lenin: Terrorism, War, Empire, Love, Revolution*. London: Verso, 2017.

ALLEN, Barbara C. *Alexander Shlyapnikov, 1885-1937: Life of an Old Bolshevik*. Chicago: Haymarket Books, 2016.

CLEMENTS, Barbara Evans. *Bolshevik Women*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

COHEN, Stephen F. *Bukharin and the Bolshevik Revolution: A Political Biography, 1988-1938*. New York: Vintage Books, 1975.

EASTMAN, Max. *Marx, Lenin and the Science of Revolution*. London: George Allen and Unwin, 1926.

- HAUPT, Georges; MARIE, Jean-Jacques Marie. *Makers of the Russian Revolution: Biographies of Bolshevik Leaders*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1974.
- KRUPSKAYA, N. K. *Reminiscences of Lenin*. New York: International Publishers, 1970.
- LE BLANC, Paul. *Unfinished Leninism: The Rise and Return of a Revolutionary Doctrine*. Chicago: Haymarket Books, 2014.
- LE BLANC, Paul. *Lenin and the Revolutionary Party*. Chicago: Haymarket Books, 2015a).
- LE BLANC, Paul. *Leon Trotsky*. London: Reaktion Books, 2015b).
- LE BLANC, Paul. *From Marx to Gramsci, A Reader in Revolutionary Marxist Politics*. Chicago: Haymarket Books, 2016.
- LENIN, V. "Social Democracy's Attitude Toward the Peasant Movement". In: *Collected Works*, Vol. 9. Moscow: Progress Publishers, 1962a.
- LENIN, V. "Two Tactics of Social Democracy in the Democratic Revolution". In: *Collected Works*, Vol. 9. Moscow: Progress Publishers, 1962b.
- LENIN, V. "Letter to American Workers". In: LENIN, V. *Revolution, Democracy, Socialism: Selected Writings*. edited by Paul Le Blanc. London: Pluto Press, 2008a.
- LENIN, V. "Socialism and War". In: LENIN, V. *Revolution, Democracy, Socialism: Selected Writings*. edited by Paul Le Blanc. London: Pluto Press, 2008b.
- LIH, Lars T. *Lenin*. London: Reaktion Books, 2011a.

- LIH, Lars T. "Zinoviev: Populist Leninist". In: LEWIS, Ben; LIH, Lars T. (eds.). *Zinoviev and Martov: Head to Head in Halle*. London: November Publications, 2011b.
- LUNACHARSKY, Anatoly Vasilievich. *Revolutionary Silhouettes*. New York: Hill and Wang, 1968.
- MCDERMID, Jane; HILLYAR, Anna. *Midwives of the Revolution: Female Bolsheviks and women workers in 1917*. Athens, OH: Ohio University Press, 1999.
- MCNEIL, Robert H. *Bride of the Revolution: Krupskaya and Lenin*. London: Victor Gollancz, 1973.
- PORTER, Cathy. *Alexandra Kollontai, A Biography*. Chicago: Haymarket Books, 2014.
- ROSMER, Alfred. *Lenin's Moscow*. Chicago: Haymarket Books 2016.
- TROTSKY, Leon. *Portraits Personal and Political*. New York: Pathfinder Press, 1977.
- TUCKER, Robert C. *Stalin as Revolutionary, 1879-1929*. New York: W.W. Norton, 1974.
- YPSILON [Jules Humbert-Droz e Karl Volk]. *Pattern for World Revolution*. Chicago: Ziff-Davis, 1947.
- ZINOVIEV, Gregory. *History of the Bolshevik Party from the Beginnings to February 1917, A Popular Outline*. London: New Park, 1973.